

OBRAS COMPLETAS DE LUÍSA DACOSTA PARA A INFÂNCIA

Robertices

ESCREVEU LUÍSA DACOSTA, ILUSTROU CRISTINA VALADAS



© LUÍSA DACOSTA [TEXTO], CRISTINA VALADAS [ILUSTRAÇÕES]

RUI MENDONÇA [DIRECÇÃO GRÁFICA]
1ª EDIÇÃO. NOVEMBRO DE 2001
2ª EDIÇÃO. NOVEMBRO DE 2006
DEPÓSITO LEGAL Nº 248442/06
ISBN 972-41-2731-1
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

ASA EDITORES, S.A.

SEDE
AV. DA BOAVISTA 3265 - SALA 4.1
TELEFONE 22 616 6030, FAX 22 615 5346
APARTADO 1035, 4101-001 PORTO
PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt
Internet: www.asa.pt

DELEGAÇÃO EM LISBOA
AV. ENG. DUARTE PACHECO, 19 - 8º
TELEFONE 21 380 2110, FAX 21 380 2115
1070-100 LISBOA
PORTUGAL

Robertices

OBRAS COMPLETAS DE LUÍSA DACOSTA. PARA A INFÂNCIA
A RAPARIGA E O SONHO
ROBERTICES
O PRÍNCIPE QUE GUARDAVA OVELHAS
A MENINA CORAÇÃO DE PÁSSARO
SONHOS NA PALMA DA MÃO
O PERFUME DO SONHO, NA TARDE
O ELEFANTE COR-DE-ROSA

Robertices

ESCREVEU LUÍSA DACOSTA, ILUSTROU CRISTINA VALADAS



ÍNDICE

13 SAUDADES PARA UM TEMPO, LONGE

ROBERTICES

19 CONVERSINHA DE ROBERTOS

21 A CAROCHINHA

41 O FREGUÊS CALOTEIRO



SAUDADES PARA UM TEMPO, LONGE

No tempo em que havia tempo para ter tempo e um dia sem escola podia ser uma eternidade, a festa eram os robertos. Debruçados do varandim de estopa da barraquinha faziam momices com as suas cabeças de pau, sem rosto, vestidos com balandrauzinhos de chitas, que escondiam as mãos dos bonecreiros, que os agitavam, os desfaziam em vénias ou lhes socavam o pau das cabeças rijas! Tão depressa eram toureiros, barbeiros desesperados com fregueses de bolsos vazios, como princesas magalonas, cavaleiros, o próprio demo, o que fosse. As crianças não se atrapalhavam. Estavam afeitas a soltar a imaginação e a viverem com ela. Naquele tempo abençoado, além do calor do afecto, mais quente do que xalinho de lã no Inverno, acendia-se todas as noites a imaginação das crianças com histórias, que havia tempo para contar. E com esse fio de liberdade nem era necessário dar muitas coisas às crianças.



As meninas tinham uma boneca-filhinha e um fogãozinho. Tudo o resto era invenção: cantareirinhas de caquinhos, miúdos e preciosos, queijinhos feitos de casca de laranja, a dedal, peixinhos verdes de folhas de arbusto, vendidos na canastrinha, bifés de concilros acompanhados de arroz de raposa, colhidos nos muros, chaveninhas de eucalipto para o chá das visitas das bonecas, barquinhos de papel ou de casca de noz, para viagens cheias de aventuras e naufrágio. Os rapazes tinham um pião, um carrinho, comboios feitos de carriolas de cadeiras, cavalos de pau de vassoura e toda a liberdade dos percursos a inventar. A imaginação tudo supria, como lembra o poeta¹ :

*“Ó meu vapor irlandês...
Cujos lindos passageiros,
Em grupos de dois e três,
Eram fósforos, palitos...”*

*Meus olhos – dois marinheiros
Passeando no convés...”*

¹. Augusto de Santa-Rita, O Mundo dos meus Bonitos (1920)

Era com essa imaginação, desperta e treinada, que se assistia ao espectáculo dos robertos que, mesmo sem rosto, sem cabeleira, sem cenários, nos assustavam, nos faziam rir ou chorar!, num canto do mercado, ao abrigo de um pátio, se chovia, ao léu e ao sol, num recanto do jardim público.

— *Os robertos! Chegaram os robertos!*

E as crianças saíam de casa, como coelhos da toca, e sentavam-se à roda da barraquinha de estopa. No fim havia palmas e na bandeja cantava a chuva fusca das moedas pretas, misturadas à prata reluzente das brancas, que sobressaíam como escamas.

Ai tanto que os amava! E como desejava vê-los surgir, mesmo já perdida a menina que fui, mesmo já sem o tostãozinho fechado na mão. Estas Robertices escrevi-as, na esperança de que regressem, com as suas cabeças rijas, os balandrauzinhos de chita, presos no pescoço, como camisinhas ingénuas. Venham representar esta carochinha tão transmontana e tão preocupada com o sustento, ou este freguês apaixonado e de poucos teres, pronto a fazer perder a calma ao mestre barbeiro! Voltem, queridos robertinhos, ressuscitem a infância!



CONVERSINHA DE ROBERTOS

- _ Ó Romão! Romão! Já dormes?
- _ Ainda não...
- _ Emprestas-me um tostão?
- _ Já durmo, já durmo.

Da tradição popular

A CAROCHINHA

PERSONAGENS

Roberto

Carochinha

Porco

Cão

Gato

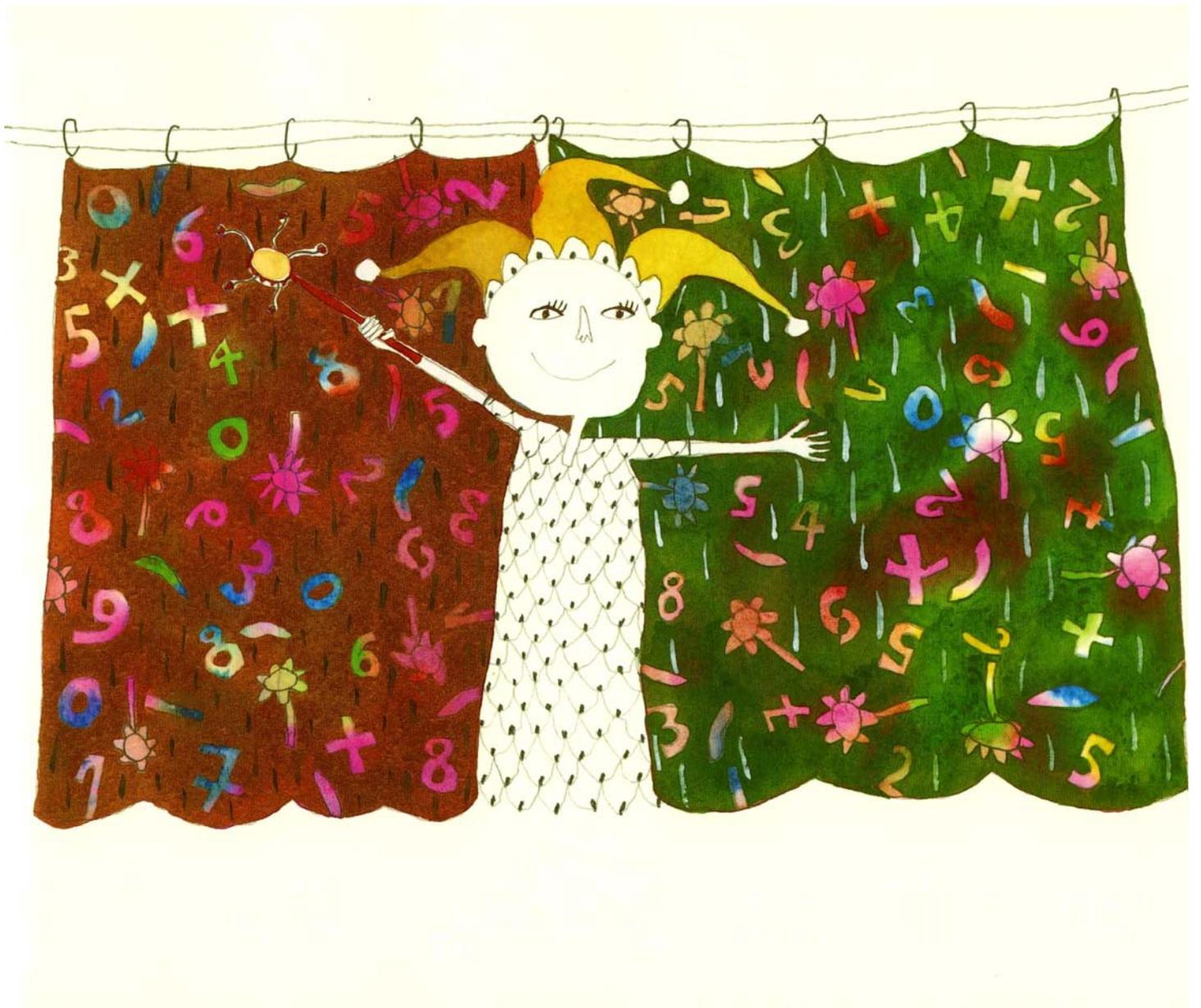
Rato



ROBERTO [depois de muitas vénias]

_ Meninas! Meninos! Gente de folia!
Chegou o Roberto e a sua companhia!
Temos para apresentar as aventuras da Carochinha,
aquela que achou cinco réis a varrer a cozinha.
Pedimos palmas, atenção e um milheiro de tostões,
pois somos amigos e brincalhões!
O espectáculo vai já começar... e não é de perder...
Orelhas em pé! E olhos abertos com vontade de ver!

[Desaparece o Roberto, depois de muitas vénias debruçadas]



Aparece a **CAROCHINHA** [queixando-se, enquanto varre]

_ Ó tristura de vida! Varrer, varrer, sempre a lidar!
Sem tempo de a própria formosura contemplar!

24

[alvoroçada]

Mas o que é aquilo que além tanto brilha?!
Cinco réis! Cinco reizinhos eis o que cintila!
Que feliz sou! Formosa e herdeira riquinha,
pois achei cinco réis a varrer a cozinha!
Some-te, vassoura! Tenho de arranjar forma para o meu pé!
Quero um marido, a gosto, elegante, olarilolé!



[debruçada à janela]

Quem quer casar com a carochinha
que achou cinco réis a varrer a cozinha?

PORCO [entusiasmado]

_ Tanta formosura quem pode enjeitar?!
Não procures mais, querida carochinha,
aqui estou eu pronto a casar!

CAROCHINHA [atalhando]

_ Isto não é assim sem inquirições!... Preciso de me informar.
Que comes tu? És videiro? Sabes a vida levar?

PORCO [confiante]

_ Sou de boa boca... Que hei-de eu comer?
Tudo o que me dão é prò bandulho encher.



CAROCHINHA [desdenhosa]

_ O que te dão?! Vives de esmolas?!
Fora! Fora! Não te quero,
melhor marido ainda espero!

[Sai o Porco desanimado e entra o Cão. E a Carochinha entusiasma-se]

_ Quem quer casar com a carochinha,
a formosa, que achou cinco réis a varrer a cozinha?

[mais baixo]

Que corpo elegante! Oh! Que garbo e tentação!
Oxalá o pensamento não seja chocho melão!

CÃO [galanteador]

_ Põe-me à prova, querida senhorita,
pois entre todas és a mais bonita!



CAROCHINHA [cautelosa]

_ Cuidado nunca é de mais... e um casamento é coisa para durar, responde-me, sê franco, que fazes tu para te alimentar?

30

CÃO [afoito]

_ Comida?! É coisa com que não fatigo o pensamento. Isso são cuidados de dono... Vivo a flamar muito a meu contento.

CAROCHINHA [desanimada]

_ Ah! Pois continua... Flamar é também o meu plano de odisséia, mas a dois não dá prà trincadeira...



[Sai o Cão de rabo entre as pernas e surge o Gato]

GATO [dengoso]

_ Miau-miau-uuu! Que visão celestial!
Nem em noites de lua vi beleza igual!

CAROCHINHA [pavoneando-se]

_ Quem quer casar com a carochinha,
que é formosa e bonitinha?

GATO [seguro de si]

_ Eu, miau, miau, não sou gato vulgar,
nem pretendente de ocasião,
sou um in-te-lec-tu-al,
e a poesia é a minha ocupação.



CAROCHINHA

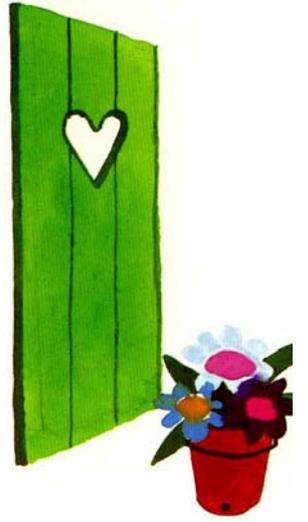
_ Poesia... E isso come-se? Dá para viver?
Garante o futuro ou o mantimento?!

GATO [impulsivo]

_ Não sejas realista, querida Carochinha!
Vem comigo viver a ilusão...
e fazer dela teu único sustento.

CAROCHINHA [abespinhada]

_ Deus me livre de tal! À amarga pobreza não quero regressar.
Passa de largo... pois no meu coração não tens tu lugar.



[Sai o Gato e aparece o Rato]

RATO [apaixonado]

_ O teu coração está vago, mas o meu salta e palpita...

Ó formosura, não tentes mais a sorte,
aqui tens o Ratãozinho pra te amar até à morte!

CAROCHINHA [entusiasmada, mas cautelosa]

_ Na verdade, és tentador, não digo que não...
mas o seguro manda averiguar...

Que usas tu comer? Que fazes pra manducar?



RATO [seguro de si]

_ Que como? Não sou dos que ficam à espera do que lhes cai do céu.
A qualquer bom bocado, sei, pela esperteza, chamá-lo de meu.

38

CAROCHINHA [aliviada]

_ Até que enfim! Acabou-se a canseira!
Encontrei o chinelo para o meu pé!
Serás meu marido, e amor querido,
olarilolé!

[Saem num abraço a dar beijos repenicados.]



O FREGUÊS CALOTEIRO

PERSONAGENS

Roberto

Barbeiro

Freguês

Coro



ROBERTO [fazendo grandes vénias]

42

_ Então, tudo bem, meninada?
Tudo a postos prà teatrada?
Hoje temos “O Freguês Caloteiro”:
o que queria barba, sem dinheiro.
No fim pr’animar
há brava pancada de robertaria,
mas nada de sustos,
não parte cabeças,
nem causa arrelia.
Atenção, atenção, vamos escutar.
Orelhas alerta! A função vai começar.

[Desaparece o Roberto com grandes vénias]



FREGUÊS

_ Bom dia, mestre! Bom dia!
Então ainda está sem freguesia?!

44

BARBEIRO

_ O dia mal despontou...
mas já está tudo a postos,
tesoura, navalha,
sabão e toalha.
É sentar, freguês,
que a minha arte tem alma,
em barbas e cabelo ninguém me leva a palma.



FREGUÊS

_ Pois, então, vamos lá...
Quero cabelo e barba, tudo a preceito,

[suspira fundo]

para dobrar D. Maganinha
aos amores do meu peito.

BARBEIRO (à parte)

_ Ai qu'ele está apaixonado!
Isto é freguês esquisito, estou bem aviado!

[alto]

A serviço da sua elegância
toda a minha arte porei.
Tenha a bondade de sentar-se,
e inclinar-se, como manda a lei.



[cantando]

Um pouco de sabão para ensaboar...
Navalha afiada para escanhoar...
E mãos de veludo para não magoar...

FREGUÊS

_ Ai, ai... um pouco mais de jeito,
quero-me livre de arranhões, de rosto escorreito.

BARBEIRO

_ Sofrer para ser belo, sofrer,
é o que tenho ouvido dizer.

FREGUÊS

_ Sofrer, sofrer, já sofro eu do peito.
Sofrer por navalha
não é para almas da minha igualha.



BARBEIRO

_ Pronto, pronto, a barba já está.
E, agora, a marrafa, como a deseja?
Curta? Comprida? A meia-haste?...

FREGUÊS

_ A meia-haste?! O meu cabelo não é bandeira.
Quero-o curto para deixar livre a testa,
onde se espelha a minh'alma de poeta...

BARBEIRO

_ O freguês manda, a sua vontade seja feita,
pois quando chegarmos a contas
também quero a minha satisfeita.

[Dá-lhe duas valentes tesouradas]

A testa a descoberto? Já está...



[estendendo a mão]

São trezentos mil tostões.
O meu dinheirinho passe para cá!

52

FREGUÊS

_ Ai, ai, julga que sou mealheiro?!
Um poeta abunda em rimas,
mas não em dinheiro.

BARBEIRO

_ Se abunda em rima, governe-se com ela,
que a mim a rima não me enche a panela.

FREGUÊS [afrito]

_ A minha lira não posso empenhar..
Tenha paciência, mestre, um dia lhe hei-de pagar.



BARBEIRO [zangado]

_ Um dia?!... Que dia?! O meu serviço está feito.
Se não paga [tira um grande cacete]
vai a moca trabalhar a meu jeito.

FREGUÊS [assustado]

_ Tenha mão, mestre, tenha mão...
Assim quer deitar a sua arte a perder?
E o que está tão perfeito, desfazer?!

BARBEIRO [dando-lhe com a moca]

_ Toma! Toma! Grande caloteiro!
Vê como te aqueço a pau de marmeleiro...



FREGUÊS

_ Ai, acudam! Acudam!
Que aflição!
Assim morre um poeta...
de pancada e não de paixão?!

BARBEIRO [continuando a dar-lhe]

_ Não quero saber de paixão nem de paixoneta,
quero o meu dinheiro, o resto é treta.

CORO DE CURIOSOS [à porta]

_ Dá-lhe, mestre, ensina-o a fueiro,
que a elegância não se compra com suor alheio.



FREGUÊS [fugindo à moca do Barbeiro]

Ai, todo me requebro,
ai, ai, ai, todo me meneio,
ai, ai, ai, como estou moído!
Ai, ai, sinto-me pandeiro.

[Corre o pano e aparece o Roberto novamente]

ROBERTO

_ Pronto, pronto...
Assim venho pôr fim à pancadaria,
que não quebrou ossos e foi só folia.
Adeus, adeus, são horas de irmos armar a barraquinha
para outra freguesia...



ISBN 972-41-2731-1 Nr. de Código 652023
9 789724 127316

